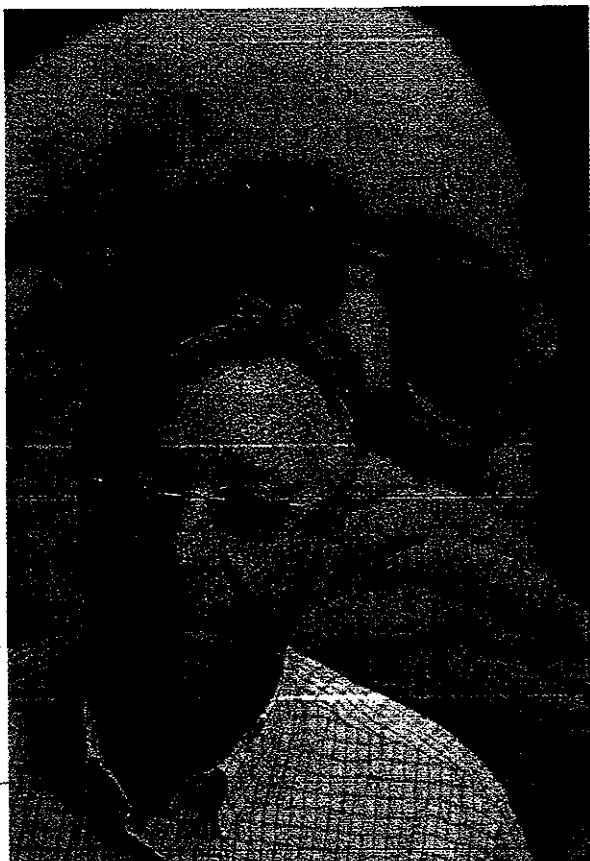


Simple assim

Professor do Núcleo de Formação de Educadores da PUC-SP ensina como tornar as aulas mais atraentes – sem gastar dinheiro



As universidades têm investido em equipamentos de ponta para atrair a atenção dos alunos. Nas supersalas, há computadores ligados à internet, *data show*, retroprojeto, *home theater*. Qualquer professor que dê aulas apenas expositivas conhece bem a apatia dos alunos e o paradoxal respeito dos colegas de profissão. No entanto, o professor de pós-graduação Marcos Masetto garante que manter uma classe concentrada não custa nada além de alguns minutos diários de preparo – na frente da TV, no cinema, lendo jornais e revistas. Em suas aulas de didática e metodologia do ensino superior no Núcleo de Formação de Educadores da PUC-SP, Masetto ensina aos futuros professores que, além de passar con-

teúdo, é preciso também saber fisgar o aluno, mimado pela era da velocidade. Se tornar uma aula mais atraente pode ser trabalhoso, mais difícil ainda é vencer a resistência do restante do corpo docente, acostumado a dividir méritos com a tecnologia. Masetto não descarta o fascínio de uma sala bem equipada nem ignora as jornadas de trabalho extenuantes a que se submetem muitos professores. Mas se mantém firme ao dizer que uma aula atraente pode ser feita apenas com conteúdo e boa vontade: “Se o professor tem muitas aulas e pouco tempo, é só ele preparar trabalhos diferentes com uma turma apenas. Com o tempo, ele vai ganhando confiança e estende sua metodologia para todas as classes. Dar aulas pode ser muito mais gratificante.”

Ensino Superior – Quais são as deficiências na formação do professor?

Marcos Masetto – Meu trabalho no Núcleo de Formação de Educadores, da PUC-SP, visa ao desenvolvimento pedagógico de professores universitários. Dou aulas de didática do ensino superior há 30 anos. O que tenho observado nos meus alunos é que eles dominam muito bem os conteúdos, as matérias ou disciplinas que vão lecionar, mas têm poucas oportunidades de desenvolver as competências pedagógicas, ou seja, a maneira de transmitir o que sabem de modo que o aluno aprenda mais eficientemente. Há uma carência muito grande na formação pedagógica. Os professores dominam o que vão transmitir, mas não sabem bem o que fazer para manter a classe motivada. Como fazer o aluno se interessar pelas aulas, aprender a pensar, produzir conhecimento, refletir criticamente, relacionar suas vivências com o processo de aprendizagem.

Ensino Superior – Mas ser professor não pressupõe conhecimento das técnicas de como transmitir conhecimento?

Masetto – Uma coisa é eu passar informações sobre biologia, por exemplo, e cobrar isso numa prova. Outra coisa é estimular que o aluno se relacione com a matéria, que compreenda a bio-

logia e devolva esse entendimento para o professor. Hoje, conhecimento não é mais monopólio do professor ou da escola. O acesso ao conhecimento se faz de forma mais ágil, mais rápida, mais completa. Em qualquer área, o profissional não é mais apenas aquele que desenvolve o domínio técnico e sim novas soluções. É um mundo em mudança e se torna necessário pensar a formação de professores. Questionamos o que se espera de um professor, como poderíamos fazer com outros profissionais: o que se espera de advogados, administradores de empresas, psicólogos, profissionais de marketing, políticos. Diante desse mundo cada vez mais veloz e em que o acesso ao conhecimento é muito mais fácil, todas as profissões estão em xeque.

Ensino Superior – Essa preocupação com a formação do professor não é um mérito da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), então?

Masetto – Não. A LDB veio no bojo disso tudo. A discussão quanto à formação do educador existe desde a década de 50, é um movimento internacional até, muito mais amplo. O mérito da LDB foi de entrar nessa polêmica e focar o debate no professor brasileiro.

Pesquisas mostram que quanto mais os alunos avançam no ensino superior, menos eles lêem

Ensino Superior – As pesquisas apontam que o professor brasileiro lê pouco, o que acaba contribuindo para que os alunos também não gostem de ler. Como reverter esse quadro?

Masetto – Um dos caminhos é reverter a situação da leitura na formação inicial do professor. As pesquisas mostram também que quanto mais os alunos avançam no ensino superior, menos eles lêem. Em geral, o aluno de graduação e pós-graduação lê estritamente o que é exigido pelos professores, nas disciplinas. Livros clássicos ou de cultura geral, que estimulam o debate de questões mais amplas, acabam perdendo para os livros técnicos. É preciso valorizar a leitura dentro da própria universidade. Esse é um dos aspectos dos cursos e das atividades de reciclagem que ajudam a promover a formação continuada dos professores. Em vez de assistir a palestras e conferências, como habitualmente se fazia nesses cursos, hoje se trabalha com



oficinas de leitura, estimulando os professores a ler, estudar e debater. Além disso, há um problema econômico sério: o salário do professor não dá muita margem à compra de livros – que são caros. Então, é preciso estimular as universidades a investir nas bibliotecas e a fazer com que os professores as frequentem. Em 1994, a USP criou um programa de formação continuada muito interessante,



que convidava professores da rede pública a frequentar a biblioteca, conversar com educadores e alunos de Pedagogia e Licenciatura. É uma integração muito interessante para todos: os professores em campo se atualizam sobre os debates da academia e os alunos de graduação têm a oportunidade de ouvir as queixas e dificuldades dos profissionais em exercício.

Ensino Superior – Num mundo em que a imagem se impõe e, mais que a qualidade, vale a velocidade da informação, aulas expositivas não conseguem manter classes com cem, 150 alunos concentrados. Como o professor pode melhorar a aula sem contar com equipamentos de “multimídia”?

Masetto – Realmente, professor que dá aula para salas tão numerosas não consegue manter os alunos atentos. Pode até mantê-los quietos, mas não concentrados. De fato, não se trata de investir fortunas em *data show*, projetores, acesso à internet. O papel do professor não é passar informação para o aluno responder. Ele tem de contribuir para que o aluno aprenda. Para isso, o discente tem de participar da aula, realizar atividades motivadoras e interessantes durante o tempo em que está na escola. Posso pedir para meus alunos lerem um texto que preparei para a aula, mas já dou uma orientação: “Leia o texto e responda a essa pergunta, porque essa resposta vai ser importante depois.” Ou então peço que o aluno leia, escreva os pontos mais importantes e veja se encontra situações que vivenciou em casa ou no trabalho e que tenham a ver com o texto. Faço isso porque quero que ele participe e que a aula seja interessante. Em outra ocasião, posso formar trios e pedir que leiam um determinado texto para os companheiros, depois os alunos debaterão o que ouvirem. O professor pode incrementar a aula com textos de jornais e revistas ou comentários sobre programas de TV, o filme que estreou, a peça de teatro que está em cartaz. Se trago novas informações, posso pedir que os alunos comparem com as que trouxeram de casa ou então sugerir que escrevam um texto. Com isso, tenho o aluno trabalhando, falando coisas interessantes, aprendendo com os colegas e produzindo. No próximo encontro, corrijo os trabalhos e dou prosseguimento ao conteúdo. Há centenas de técnicas de ensino. Não é preciso dispor de muito dinheiro ou de equipamentos caros para usá-las. Quando o aluno participa da aula, ele se interessa, se motiva e vê que está aprendendo. Também não preciso apenas dar prova, posso usar essas atividades como parte da avaliação.

Ensino Superior – Por que os professores não fazem isso, se é tão simples?

Masetto – Esse tipo de atuação pedagógica não é valorizado na faculdade. Ainda prevalece a mentalidade de que para ser um bom professor é preciso dominar conteúdos – e o resto é perfumaria. Quando ele vai fazer essa outra parte, que é fundamental, ele próprio não dá valor. Em sala de aula, o educador recém-formado vai imitar o professor que teve na graduação. Os atuais professores tiveram aula de didática, de psicologia educacional, aprenderam as técnicas, mas só priorizam a aula

expositiva, com muito conteúdo. Quando um professor dá uma aula diferente, os alunos percebem, gostam e cobram dos outros professores. Aí, vira um problema para o corpo docente, acostumado a trabalhar sempre do mesmo jeito. Eles pensam: "Se sempre funcionou assim, para que fazer as coisas diferentes?" É mais fácil dar uma aula expositiva.

Não sei se houve uma geração de professores que dava aula de forma tão criativa. O Malba Tahan foi a exceção

Ensino Superior – Sem falar na pressão para que os professores sigam o programa...

Masetto – Isso é uma questão cultural, grave e séria, que exige uma mudança radical por parte do professor. Somos escravos do programa. Em geral, nosso conteúdo é colocado num número "x" de itens por um número "x" de horas/aula. Não se leva em conta os assuntos mais importantes, os mais extensos ou quais pontos-chave dão origem a uma série de conhecimentos que podem ser trabalhados juntos. Quando o professor não tem esses critérios, distribui 60 pontos em 60 horas/aula. Há pontos fundamentais que, bem estudados, mesmo que se gaste 3 horas/aula com eles, depois os outros ficam mais fáceis de ser apreendidos. Quando eu organizo o conteúdo em temas fundamentais e temas integrados, posso ter em vez de 50 assuntos, seis, oito grandes temas. Um assunto pequeno não merece ocupar 50 minutos de aula, o aluno pode aprendê-lo como consequência de outro ponto. Se com um exemplo consigo fazer o aluno entender toda uma questão, não preciso de 50 minutos para a explicação. Fiz e faço muito trabalho com professores da Politécnica. Vários deles só corriam atrás de cumprir um programa e não conseguiam chegar ao final. Quando eles passaram a reorganizar o conteúdo, as aulas renderam mais.

Ensino Superior – Muitos professores têm jornadas de trabalho estressantes e dão aulas em mais de uma instituição. Como esse profissional pode arrumar tempo para incrementar a aula?

Masetto – Incrementar as aulas não significa, necessariamente, levar mais trabalho para casa. Não é preciso fazer trabalhos sempre. O aluno não aprende apenas fazendo exercício. Posso passar atividades que eles mesmos corrijam e aprendam com

as correções. O professor tem de selecionar que atividade quer revisar, não precisa corrigir todas – o que minimiza esse "levar para casa". Com isso, não quero dizer que, ao lecionar do modo que eu proponho, ele terá menos trabalho. Apenas será uma atividade diferenciada. Quando meus alunos aqui na PUC reclamam que têm muitas aulas e não podem aprofundar uma didática diferenciada, digo que esse raciocínio não leva a um bom caminho. Se o professor tem muitas classes, pelo menos com uma delas, de preferência a que tiver menos alunos, ele deve desenvolver projetos diferenciados. No momento em que eu começo a criar uma aula diferente com uma turma, passo a dominar a técnica e vou ampliando para outras classes, em outras escolas. Digo isso por experiência própria. Eu também tinha muitas classes e muitos alunos. Depois que adquiri confiança nas aulas diferenciadas, fui ampliando, arranjei um monitor e conseguia desenvolver uma porção de capacidades que me permitiam trabalhar assim com várias classes. Isso torna a tarefa mais gratificante, você vê que os alunos aprendem. Não é costumeiro, rotineiro, cansativo. De 1986 a 1990, fiz uma pesquisa com os alunos da graduação, na USP. Na época, eles gritavam nos Centros Acadêmicos que as aulas eram inúteis, que não aprendiam nada, que os professores deviam liberar a presença. Os educadores ficavam ofendidos, reclamavam que se dedicavam, se sentiam frustrados. Publiquei essa pesquisa depois no livro *Aulas Vivas*. Descobri que é possível criar aulas no ensino superior que não sejam inúteis para os alunos e que possam ser gratificantes para os docentes. E tenho mostrado aos alunos que vale a pena ir à aula, que ele aprende e o professor também.

Ensino Superior – Malba Tahan ensinava matemática usando coisas do dia-a-dia, como grãos de arroz, animais etc. Por que esse tipo de professor não prosperou?

Masetto – Não sei dizer. Tenho dúvida se esse tipo de professor era tão freqüente. Acho que o sucesso dele foi justamente o fato de lecionar matemática de forma tão gostosa, numa época em que todos eram conservadores. Não sei se houve uma geração de professores que trabalhava dessa forma...

Ensino Superior – Ainda há muita confusão quanto ao fechamento dos cursos de Pedagogia e a abertura do Curso Normal Superior. Como o senhor vê isso?

Masetto – Não entendo por que o governo criou o Curso Normal Superior. Por que as universidades que formaram professores até hoje não são adequadas para formar mais? É uma posição ilógica: se os cursos atuais de formação de professores não estão formando bem, a política deveria ser a de entrar em contato com as universidades e melhorar. ■